RUDOLFO LAGO

Jornalista e comentarista de política

Endividamento: este se tornou o maior problema do brasileiro

Em 2010, o primeiro ano em que o índice de endividamento das famílias foi medido pela Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), o percentual ficou em 60,7%. Em outubro deste ano, o índice bateu 81,6%. E já chegou a ser maior: em julho e agosto, foi de 82%.

Eis aí a dura realidade: de cada dez famílias brasileiras, oito não veem seu dinheiro chegar até o fim do mês.

Não foi por outra razão que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva usou no domingo (8) cadeia de rádio e televisão para fazer um pronunciamento no qual se compromete com a responsabilidade fiscal.

Não foi por outra razão que, em entrevista ao jornal Valor Econômico, o presidente do PSD, Gilberto Kassab, condicionou seu apoio ao quarto governo Lula a esse mesmo compromisso com um ajuste fiscal.

No debate da TV Globo no segundo turno, o candidato derrotado do PL, Flávio Bolsonaro, deu a maior derrapada da sua campanha justamente no momento em que poderia ter tido o seu maior êxito.

Enfiou uma piada de mau gosto capacitista sobre o fato de Lula, num acidente de trabalho, ter perdido um de seus dedos quando mencionava uma verdade. Ao aumentar o seu pacote de bondades na área social sem determinar claramente de onde vai tirar o dinheiro, o governo Lula de fato dá com uma mão e tira com a outra.

E foi por aí que Lula correu sério risco de perder a eleição. A baixa popularidade do governo – sempre mostraram as pesquisas – esteve relacionada à percepção das pessoas de que os produtos que comprovam estavam bem mais caros.

Essa talvez não seja uma percepção tão real assim. Segundo o IBGE, a inflação dos últimos doze meses foi somente de 4,58%.

Então, não são exatamente os preços que estão muito altos. O que acontece é que toda vez que vai ao supermercado o brasileiro tem menos dinheiro no bolso: deixou boa parte dele no pagamento das suas dívidas.

Lula se queixa do presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo. Esperava que ele fosse mais camarada ao fixar a taxa de juros nas reuniões do Comitê de Política Monetária (Copom).

Mas o Copom foi criado em 1996 para estabelecer a política monetária justamente utilizando juros como forma de conter o consumo e controlar a inflação.

Virou um círculo vicioso. O Copom mantém os juros altos. Segura a inflação, mas o brasileiro se endivida e tem uma percepção de carestia.

O governo, então, para manter aquecida a economia, aumenta subsídios e programas sociais. Com os juros muito altos, diminui-se o investimento.

Alguma coisa precisa mudar para fazer com que essa conta feche e o país saia dessa ciranda.

MÁRCIO COIMBRA

CEO da Casa Política e Presidente-Executivo do Instituto Monitor da Democracia

Dilema Republicano

Na política americana, o partido na Casa Branca costuma sangrar nas eleições de meio de mandato, um clássico voto de protesto para calibrar as ambições do Executivo. A história comprova a tese: presidentes como Bill Clinton (1994) e Barack Obama (2010) sofreram derrotas paralisantes nas midterms, mas se reorganizaram e garantiram a reeleição. Sob essa lente tradicional, um tropeço legislativo é lido apenas como um hematoma temporário, não fatal.

Contudo, certas derrotas prenunciam o colapso de um paradigma. O verdadeiro alerta à direita não reside nos percalços reversíveis de Clinton ou Obama, porém no desastre estrutural sofrido por George W. Bush em 2006. Aquelas eleições representaram o atestado de óbito do intervencionismo desenfreado, impulsionado pela fadiga com a Guerra do Iraque. O cenário gerou um vácuo político colossal que pavimentou a vitória da oposição em 2008 e abriu portas para uma reengenharia sociocultural sem precedentes, consolidando a chamada "Era Woke". Em 2006, a direita não perdeu apenas o Congresso, perdeu a hegemonia sobre a cultura do país.

Hoje, o conservadorismo americano depara-se novamente com o fantasma do desgaste eleitoral, porém, a dinâmica tornou-se imensamente mais complexa. O partido não enfrenta apenas a habitual oposição progressista, mas lida com um profundo dilema existencial dentro de sua própria coalizão. Essa fratura interna é perfeitamente ilustrada pela recente divergência de diagnósticos entre duas de suas maiores lideranças nacionais à respeito das prioridades do movimento.

De um lado, Donald Trump projeta a visão da Realpolitik. Ao afirmar que seria preferível perder o controle do Senado a permitir um avanço nuclear do Irã, ele prioriza a contenção de ameaças existenciais sobre cálculos eleitorais. Para essa ala, a derrota legislativa é um custo estratégico inevitável para impedir que adversários cruzem linhas vermelhas.

Em contrapartida, JD Vance, captura a essência do populismo nacionalista atual. Ao culpar o conflito com o Irã pela derrota nas midterms, aponta que o eleitor votou na oposição como forma de protesto. A análise expõe que a base repudia aventuras militares: o eleitor raiz rejeita financiar a estabilidade global enquanto as fronteiras são porosas e o poder de compra derrete. Para ele, focar no exterior demonstra abandono das prioridades nacionais.

Essa dissonância é o grande gargalo estratégico da direita norte-americana. Quando energia e orçamento são consumidos por crises no exterior, o conservadorismo torna-se impotente para resistir à reengenharia social promovida por adversários em casa.

O dilema moderno é cristalino: a cúpula compreende a segurança global, mas a base exige a doutrina America First, enxergando distrações internacionais como traição. Se a direita não harmonizar a projeção global com o isolacionismo de seus eleitores, repetirá o erro de 2006. O preço não será perder cargos no Congresso, mas a rendição definitiva na batalha pela alma e cultura dos Estados Unidos.

EDITORIAL

O encontro de Leão XIV com o legado de Francisco

A viagem do papa Leão XIV pela América do Sul representa muito mais do que uma agenda de compromissos religiosos. É um gesto de aproximação com um continente que carrega profundas contradições, desafios sociais e uma imensa riqueza cultural e espiritual. Em uma região marcada pela desigualdade, pela pobreza, pela polarização política e pela perda de referências coletivas, a presença do pontífice ganha significado que ultrapassa os limites da Igreja Católica.

A América do Sul é historicamente um território de fé, mas também de resistência e esperança. Aqui, a religião está presente no cotidiano das comunidades, nas periferias, nos pequenos municípios e entre populações que frequentemente se sentem esquecidas pelo poder público. Por isso, a visita papal tem potencial para dar visibilidade a realidades que nem sempre encontram espaço no debate político e econômico.

Mais do que discursos e cerimônias, espera-se que Leão XIV reforce a necessidade de uma Igreja próxima das pessoas, comprometida com os mais vulneráveis e capaz de dialogar com as transformações do nosso tempo. Sua passagem pelo continente também é uma oportunidade para defender valores fundamentais, como a dignidade humana, a solidariedade, a paz, o respeito às diferenças e a preservação do meio ambiente.

Em tempos de extremismos, conflitos e desconfiança nas instituições, a palavra de uma liderança religiosa com alcance mundial pode contribuir para recuperar pontes de diálogo. Isso não significa esperar que o papa ofereça soluções para problemas que dependem dos governos e da sociedade. Significa reconhecer que a liderança moral também tem papel importante na construção de uma cultura de responsabilidade e convivência.

A importância dessa viagem, portanto, não deve ser medida apenas pelo número de fiéis que participarão dos eventos ou pela repercussão das imagens. Seu verdadeiro legado dependerá da capacidade de transformar palavras em compromissos e de inspirar atitudes concretas.

Leão XIV encontra uma América do Sul que precisa de esperança, mas, sobretudo, de justiça, solidariedade e perspectivas de futuro. Que sua visita seja menos um acontecimento passageiro e mais um convite à reflexão sobre o continente que somos e aquele que ainda podemos construir.

OPINIÃO DO LEITOR

Homenagem especial!

Quinze anos após sua última corrida na Fórmula 1, Rubens Barrichello teve uma despedida simbólica da categoria em Interlagos. Uma volta para guardar na memória. Sou seu fã. Mais de 300 Gps, não é pra qualquer um.

José Ribamar Pinheiro Filho, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: endereço@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) ¦ **Paulo Bittencourt** (1929-1963) ¦ **Niomar Moniz Sodré Bittencourt** (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO
Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE
Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES
(21) 2042 2955 **Whatsapp:** (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO
Av. João Cabral de Mello Neto
850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ
CEP 22775-057

BRASÍLIA
ST SIBS Quadra 2 conjunto B
Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF
CEP 71736-202

SÃO PAULO
Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317,
Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51,
Centro - Campinas-SP, CEP 13026-510

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal